

O PERSONAGEM-TIPO NO ROMANCE HISTÓRICO *UM CONTO DE DUAS CIDADES*¹

THE TYPE CHARACTER IN THE HISTORICAL NOVEL *A TALE OF TWO CITIES*

Letícia Carvalho de Quadros²

RESUMO: O presente artigo terá como objeto de análise o romance histórico *Um conto de duas cidades*, do autor inglês Charles Dickens. Por se tratar de um romance histórico, uma categoria de personagem se torna muito importante para o romance, a categoria dos personagens-tipo. É por meio desse tipo de personagem que as variadas classes sociais pertencentes à sociedade que viveu na época da Revolução Francesa são representadas. Analisaremos, neste artigo, quais são os personagens-tipo no romance, e a função de cada um deles para a construção da obra, como representantes de uma determinada classe social, que viveu e participou da Revolução Francesa.

Palavras-chave: Romance histórico. Personagem-tipo. Revolução Francesa.

ABSTRACT: This article will have as analysis object the historical novel *A tale of two cities*, by the English author Charles Dickens. For being a historical novel, a character category becomes very important for the romance, the characters-type category. It is through this type of character that the various social classes belonging to the society that lived at the time, of the French Revolution are represented. We will analyze in this article what are the characters-type in the romance, and the function of each one of them for the construction of the work, as representatives of a particular social class who lived and participated in the French Revolution.

Keywords: Historical novel. Characters-type. French Revolution.

¹ Artigo recebido em 3 de abril de 2017 e aceito em 19 de junho de 2017. Texto orientado pela Profa. Dra. Eunice de Moraes (UEPG).

² Graduada do Curso de Letras da UEPG.
E-mail: leticia.c.quadros@gmail.com



INTRODUÇÃO

Charles Dickens é um dos mais populares escritores ingleses, sendo considerado o maior romancista da era vitoriana. Todas as suas obras alcançaram fama rapidamente. A obra *Um conto de duas cidades* foi publicada no ano de 1859, embora a história do romance se passe no período entre 1775 e 1793.

Trata-se de uma obra que revela a relação existente e constante entre a Literatura e a História. Após a leitura de *História da revolução francesa*, do escritor, historiador e ensaísta escocês Thomas Carlyle, obra publicada primeiramente em três volumes, em 1837, surge a inspiração para Dickens tratar da realidade revolucionária vivida tanto na Inglaterra quanto na França do século XVIII.

Segundo Caroline Caputo Pires (2010) — em seu artigo sobre o romance em questão — Dickens, ao escrever sobre a Revolução Francesa, não relata a vida dos líderes políticos, e sim as consequências que a Revolução trazia para a população. Isso vem confirmar o que diz Marilene Weinhardt sobre o tema: "Ao romance histórico não interessa repetir o relato dos grandes acontecimentos, mas ressuscitar poeticamente os seres humanos que viveram essa experiência" (WEINHARDT, 1994, p. 51).

O ROMANCE HISTÓRICO *UM CONTO DE DUAS CIDADES*

Na terceira nota explicativa do romance, temos a seguinte informação: "(...) *foi o melhor dos tempos*: o uso do pretérito aqui adverte-nos de que se trata de um romance histórico" (DICKENS, 2002, p. 462, ênfase no original). Mas o simples uso do pretérito não é o fator necessário para classificarmos um romance como histórico. György Lukács, maior autoridade no estudo dessa modalidade de romance, diz-nos o seguinte, ao falar do surgimento dessa categoria:

O romance histórico surgiu no início do século XIX, por volta da época da queda de Napoleão (*Waverley**, de Walter Scott, foi publicado em 1814). É óbvio que, já nos séculos XVII e XVIII havia romances de temática histórica, e quem desejar pode até considerar as adaptações de histórias e mitos antigos na Idade Média "precursoras" do romance histórico e ir além,



retrocedendo à China e à Índia. Mas por essa via não se encontrará nada que possa de algum modo iluminar, em sua essência, o fenômeno do romance histórico. Os chamados romances históricos do século XVII (Scudéry, Calprenède etc.) são históricos apenas por sua temática puramente exterior, por sua roupagem. Não só a psicologia das personagens, como também os costumes retratados são inteiramente da época do escritor. (LUKÁCS, 2011, p. 33, ênfase no original)

Portanto, para Lukács, não basta que haja uma alusão a um tema histórico dentro do romance, para que ele se torne um romance histórico. E é por isso que essa modalidade de romance surgiu apenas com Walter Scott. "O que falta ao pretense romance histórico anterior ao de Walter Scott é o elemento especificamente histórico: o fato de a particularidade dos homens ativos derivar da especificidade histórica do seu tempo" (LUKÁCS, 2011, p. 33). Os romances anteriores a Walter Scott apenas citavam um tempo histórico, mas não retratavam os seres humanos e os locais desta época histórica citada. Isso, segundo Lukács, é o que caracteriza um romance histórico: retratar os homens e os lugares de determinada época histórica escolhida, e não do tempo em que o autor vive.

Por essa característica é que o romance de Dickens se encaixa na categoria de romance histórico. Seus personagens são típicos do período histórico em que ocorreu a Revolução Francesa. Os espaços descritos no romance pertencem a França revolucionária e a Inglaterra daquela época. Não há referências ao tempo em que o autor escreve, e sim, ao período histórico escolhido para o romance.

Lukács também nos fala sobre Dickens. Diz que Dickens reforça muito o lado humanista e moral no romance, e não a questão social.

Ao colocar em primeiro plano os aspectos puramente morais tanto das causas quanto das consequências, Dickens enfraquece o nexos entre os problemas da vida das personagens principais e os eventos da Revolução Francesa. Esta é transformada em um pano de fundo romântico. A selvageria e a agitação da época fornecem ocasião para a revelação das qualidades humanas e morais das personagens. (LUKÁCS, 2011, p. 298)

Realmente, os eventos da Revolução Francesa dentro do romance dão espaço para que a moralidade das personagens seja expressa dele. Além disso, como Lukács diz, não há uma relação profunda entre a vida pessoal de



cada personagem e a Revolução, porque cada personagem principal do romance representa certo número de pessoas que estavam vivendo a Revolução. Para melhor explicar isso, vamos tratar um pouco do elemento personagem, especificamente do personagem-tipo, pois todos os personagens principais do romance se encaixam nessa categoria.

O PERSONAGEM-TIPO NO ROMANCE *UM CONTO DE DUAS CIDADES*

Elemento fundamental na elaboração de um romance, "a personagem de romance, como a de cinema ou a de teatro, é indissociável do universo fictício a que pertence: homens e coisas" (BOURNNEUF; OUELLET, 1976, p. 199). Além disso, da personagem depende o próprio enredo: "O enredo existe através das personagens; as personagens vivem no enredo. Enredo e personagem exprimem, ligados, os intuítos do romance, a visão da vida que decorre d'ele, os significados e valores que o animam" (CANDIDO, 1976, p. 51).

Apesar de ser um romance histórico, os personagens são todos fictícios, porém vários deles têm traços das pessoas que viveram esse momento histórico, e alguns eventos dentro do enredo são feitos com base em fatos históricos. Além disso, os personagens representam a população que viveu na época da Revolução Francesa e participou dela. São, portanto, fundamentais para o desenvolvimento do enredo. "A personagem vive o enredo e as idéias, e os torna vivos" (CANDIDO, 1976, p. 51). Porém, alguns têm mais importância do que outros, dentro do enredo do romance, por se encaixarem na categoria de personagem-tipo, e assim representarem os indivíduos que viveram esse momento. "Em Balzac culminava a noção de personagem-tipo, em que resumem os caracteres duma classe social, duma profissão, duma forte paixão" (BOURNNEUF; OUELLET, 1976, p. 277). No caso desse romance, os personagens resumem as características de determinadas classes sociais que existiam na época da Revolução, bem como representam grupos de pessoas que tinham determinado posicionamento perante a Revolução. A seguir, analisaremos os personagens principais, mostrando por que eles pertencem à categoria de personagem-tipo, e a relação existente entre eles e a Revolução.

A primeira personagem-tipo que aparece no romance é Lucie Manette: filha do doutor Manette, francesa de nascimento, foi criada na Inglaterra. Sua mãe lhe disse que o pai havia morrido, e ela só vai descobrir que ele está vivo, dezoito anos depois. Após a morte da mãe, ela fica sob a tutela do Banco Tellson, que presta seus serviços tanto na Inglaterra quanto na França, e era onde seu pai realizava negócios. Não bastasse ter sofrido com a ausência do pai durante a sua vida toda, praticamente, seu marido é preso e condenado à guilhotina, por ser um



nobre. Lucie representa aqui todos os que de alguma forma sofreram com a Revolução e também com o período anterior a ela, pois teve seu pai ausente por causa dos abusos de alguns nobres no tempo do absolutismo, e teve seu marido condenado a morte, injustamente, durante a Revolução. Representa o estereótipo de mulher da época, dedicada a família, e é um dos personagens que representa a relação entre Paris e Londres, que dá nome ao romance.

Com o desenvolvimento do romance, os personagens-tipo que nos são apresentados são Ernesto Defarge e madame Defarge. Ernesto Defarge é um francês, que tem uma taberna no bairro de Santo Antônio, na capital Paris. As pessoas deste bairro participaram de toda a Revolução, como se vê neste trecho:

Saint-Antoine deitou abaixo a primeira grande Bastilha: irá hesitar diante desta comparativa insignificância duma Bastilha? Amigos, e se nós pegássemos em chuços, fuzis, malhos de ferro e atuássemos por nós mesmos? Não há remédio mais rápido, nem tão certo. No dia 28 de fevereiro, Saint-Antoine sai do seu bairro, como agora faz muitas vezes; e, aparentemente com pequeno tumulto supérfluo, move-se a leste para aquêles Vincennes, que lhe fere a vista. (...) o rumor avisa a Assembléia Nacional, as Tulherias reais e todos os homens que se importam de o ouvir: que Saint-Antoine se levantou; que Vincennes e provavelmente a última instituição restante do país, está vindo abaixo. (CARLYLE, 1961, p. 353-354)

E, por esse motivo, Dickens coloca esse personagem como morador deste bairro, pois ele e sua mulher, madame Defarge, são um casal revolucionário dentro do romance. Defarge foi quem ficou responsável por Doutor Manette, quando este saiu da cadeia. Mas nutre pelos nobres um ódio mortal. Faz parte do Tribunal Revolucionário dentro do romance. Madame Defarge, como já dissemos anteriormente, é esposa de Ernesto Defarge. Sua família sofreu nas mãos dos nobres Evrémonte, e por isso ela nutre um ódio enorme por todos desta família, e por todos os nobres em geral. Tricota o tempo todo, inclusive enquanto assiste à morte de centenas, na guilhotina, o que muitas mulheres realmente faziam durante a Revolução.

Madame representa todos os revolucionários que esqueceram que a piedade existia durante a Revolução. Ela se transformou em ódio e, ao falar do local onde a guilhotina estava, ao ser perguntada se estaria lá, responde: "Estarei lá antes que o espetáculo comece" (DICKENS, 2002, p. 419). O narrador apresentava repulsa por esse tipo de revolucionário que representou em madame Defarge, pois, ao falar dela, faz o seguinte comentário:



Ao anoitecer, hora em que todos em Santo Antônio saíam de suas casas e se sentavam nas soleiras e no parapeito das janelas, quando não iam vasculhar as esquinas e pátios imundos à procura de um ar mais puro para respirar, madame Defarge também costumava sair com o seu trabalho debaixo do braço, passeando de grupo em grupo, falando em voz baixa: **era uma verdadeira missionária, e havia muitos como ela. da espécie que o mundo faria bem em jamais abrigar novamente.** (DICKENS, 2002, p. 219, ênfase acrescentada)

Outro fato sobre madame Defarge, e que é muito interessante, é que Dickens a coloca dentro de uma ocorrência histórica. Ao falar da morte de Foulon,

(...) nomeado Conselheiro de Estado no reinado de Luís XVI, em 1784. De acordo com o relato de Carlyle, no qual Dickens se baseia aqui, Foulon certa vez respondeu precipitadamente à pergunta: *O que o povo fará?* com as palavras: *O povo comerá capim.* Em 22 de julho de 1789, lembraram que esse mesmo Foulon estava vivo e morava perto de Paris. Descobriram-no em Vitry e levaram-no para a capital com um fardo de capim nas costas e guirlanda de urtiga em volta do pescoço. Ele foi conduzido ao Palácio de Ville para julgamento sumário, mas, como o processo se demorasse (...) ele foi capturado pela multidão e enforcado no lugar de um lampião numa esquina da rue de la Vannerie. A cabeça foi decepada e exibida através das ruas com capim na boca. Mais uma vez, Dickens insere a intervenção de Madame Defarge numa ocorrência histórica. (DICKENS, 2002, p. 493, nota 163, ênfase no original)

Dickens coloca madame Defarge presente nesse momento:

— Vejam! — bradou madame, apontando com o punhal. — Vejam o velho patife amarrado com cordas. Deviam amarrar-lhe os braços atrás das costas com capim. Ha, ha! Seria bem feito. Dêem-lhe capim para comer! — Madame colocou o punhal debaixo do braço e aplaudiu como se estivesse num teatro. (DICKENS, 2002, p. 262)



Em *Ernesto e madame Defarge*, Dickens representou todos os revolucionários franceses. Com esses personagens, podemos perceber a importância que o personagem-tipo tem dentro do romance: não é preciso que o romancista nos apresente inúmeros revolucionários para sabermos suas características. Bastam apenas alguns, e que estes tenham as características do revolucionário da época, para que uma classe toda seja representada.

A representação de outra classe é feita por Doutor Manette: francês, médico, preso na Bastilha injustamente durante 18 anos, por ter denunciado ao ministro da época as maldades que os irmãos Evrémonte praticavam com os camponeses. Este personagem representa todas as pessoas que foram presas na Bastilha durante o período do absolutismo sem terem culpa, já que os nobres da época possuíam poder para mandar prender quem quisessem, mesmo que esta pessoa não tivesse cometido nenhum crime. No trecho a seguir, Dickens nos mostra sua compaixão por essas pessoas, ao falar do Doutor Manette:

A debilidade da voz era lastimável e assustadora. Não se tratava da debilidade decorrente da fraqueza física, embora o confinamento e os sofrimentos passados sem dúvida tivessem contribuído para isso. Sua deplorável peculiaridade devia-se à solidão e à falta de uso das cordas vocais. Soava como a última reverberação de um som produzido anos e anos antes. De tal modo perdera a ressonância da voz humana que ela afetava os sentidos como uma cor viva que desbotara até reduzir-se a uma pálida mancha; tão cava e abafada era que parecia brotar de algum subterrâneo, e tão bem expressava a desesperança de uma criatura perdida que um viajante faminto, exausto de perambular sozinho pelo deserto, recordaria nesse tom o lar e os amigos antes de sucumbir. (DICKENS, 2002, p. 55-56)

Manette se encontrava em um estado terrível quando foi encontrado. Não se lembrava mais do seu passado, nem sequer do seu nome, pois quando perguntavam a ele o seu nome, ele respondia: "Cento e cinco, Torre Norte" (DICKENS, 2002, p. 58), o que indica a cela onde ele estava preso. Muitos franceses foram presos injustamente no período anterior a Revolução. Carlyle, em sua *História da Revolução Francesa*, nos fala desse documento que dava aos nobres o poder de pedir a prisão de alguém:

O velho Amigo dos Homens tem também o seu próprio processo de divórcio; e às vezes, "toda a sua família menos



ele" está sob fechadura e chave: escreve muito acerca da reforma e emancipação do mundo e, em seu próprio benefício, precisou de sessenta *Lettres-de-Cachet*. (CARLYLE, 1961, p. 62, ênfase no original)

Por causa dessa *Lettre-de-Cachet*, muitas pessoas foram presas injustamente na França do período absolutista. Manette, dentro do romance, é o personagem que representa todas essas pessoas que sofreram com o abuso de poder no período anterior a Revolução.

Mas durante a Revolução muitos também foram presos injustamente, e o personagem-tipo que representa essas pessoas é Charles Evrémonte: nobre francês, que por não concordar com o que muitos nobres (inclusive seu tio) faziam na França, maltratando e subjugando os camponeses, vai para a Inglaterra viver como um cidadão comum. Lá é conhecido por Charles Darnay, e acaba sendo processado, acusado de manter relações secretas com o poder da França. Dickens construiu esse julgamento de Darnay com base em um julgamento verídico, como nos mostra a nota 46:

Traição: Dickens, para compor o julgamento de Darnay, parece ter-se inspirado no caso do *Rei versus de La Motte*, que consta nos volumes do *State Trials* e no *Annual Register* de 1781, ambos existentes em sua biblioteca. De La Motte, cujo julgamento se iniciou em 14 de julho de 1781, era um barão francês residente na Inglaterra. Foi acusado tanto de "conspirar contra a vida do rei" quanto de "conexões, com natureza de traição, com a corte francesa, visando a destruir o poderio naval desse país". O processo apurou que ele, por alguns anos, manteve a referida correspondência com a França, tratando do poderio naval inglês, e especialmente, de seu arsenal; seu antigo auxiliar, um tal de Lutterloh, depôs contra ele. De La Motte foi condenado com base, principalmente no depoimento de Lutterloh e sentenciado à morte. O relacionamento entre os dois casos foi apontado primeiramente por Sir James FitzJames Stephen, no seu artigo na *Saturday Review*, em 1859. (DICKENS, 2002, p. 471-472, ênfase no original)

Deixou suas posses sob o cuidado de Gabelle, o cobrador de impostos da aldeia onde se encontram as terras da família de Darnay. Após o aviso de que Gabelle está sofrendo ameaças, Darnay resolve voltar para a França, pois



não quer se seu amigo morra pelos erros dos seus antepassados. Darnay então é preso, pois é um nobre. Evrémonde é o representante da classe de nobres que não concorda com o que a nobreza da França fazia, pois esta em sua maioria oprimia os camponeses, e concordava com os abusos do governo, que extorquia o povo até o fim, mesmo quando muitos já morriam de fome. Também representa os inocentes que foram condenados à guilhotina, pois muito dos mortos ali não eram responsáveis pela situação em que o povo se encontrava. Evrémonde, ou Darnay, como é chamado na maior parte do livro,

(...) não oprimira ninguém e a ninguém aprisionara. Em momento algum exigira que lhe pagassem seus direitos, dos quais abriu mão por livre e espontânea vontade para ingressar num mundo onde não contava com quaisquer privilégios e onde conquistou um espaço próprio e o pão de cada dia à custa de seu trabalho e esforço. (DICKENS, 2002, p. 282)

Por saber-se inocente, é que ele decide ir a Paris, pois "não estava lá para tentar deter a carnificina e defender os clamores por misericórdia e humanidade" (DICKENS, 2002, p. 283). Evrémonde sobrevive porque Sidney Carton, que era muito parecido com ele, dá a vida em seu lugar. Carton é o único personagem principal que não é personagem-tipo e, portanto, possui mais profundidade, e muda no decorrer do romance, ao contrário dos demais personagens principais.

Com a análise desses personagens, percebemos o quanto as escolhas que o romancista faz são importantes para o sucesso, por assim dizer, da obra. Cada um desses personagens aqui analisados representava uma determinada parte da sociedade da época da Revolução Francesa, e com isso Dickens conseguiu construir um romance histórico, pois não apenas cita um momento histórico no romance, mas faz desse período histórico o motivo do seu romance, preenchendo o seu enredo com as características da época e com personagens que, apesar de serem fictícios, representam a sociedade que viveu esse fato histórico. São as características históricas e representativas de classe que fazem dos personagens aqui analisados personagens-tipo. Esses personagens só possuem sentido dentro desse quadro histórico, e é por causa desse período histórico que envolveu tantas pessoas e classes que os personagens podem ser representantes de cada uma dessas classes que compuseram a Revolução Francesa.



CONCLUSÃO

Este artigo teve como propósito analisar a categoria personagem-tipo no romance histórico *Um conto de duas cidades*, de Charles Dickens. Evidentemente, o presente trabalho não esgota o conteúdo, ao contrário, abre caminhos de análise de um romance que é pouco conhecido pelo público leitor brasileiro, e que merece ser objeto de análise de vários trabalhos.

Nesse romance histórico, os personagens-tipo são fundamentais, pois também são responsáveis por categorizar o romance como histórico, já que representam de forma convincente as classes sociais que viveram a Revolução Francesa, e fazem com que o tema histórico não seja apenas pano de fundo para o romance.

Além disso, há toda uma moralidade presente no romance, pois como bem disse Lukács, o nexos entre a vida das personagens e a Revolução é enfraquecido tendo em vista a moralidade que Dickens buscava representar através de seus personagens, mas este assunto merece um trabalho a parte.

REFERÊNCIAS

BOURNNEUF, R.; OUELLET, R. *O universo do romance*. Coimbra: Livraria Almedina, 1976.

CANDIDO, A. A personagem do romance. In: _____ et al. *A personagem de ficção*. São Paulo: Perspectiva, 1976, p. 51-81.

CARLYLE, T. *História da Revolução Francesa*. São Paulo: Melhoramentos, 1961.

DICKENS, C. *Um conto de duas cidades*. Tradução de Sandra Luzia Couto. São Paulo: Nova Cultural, 2002.

LUKÁCS, G. *O romance histórico*. São Paulo: Boitempo, 2011.

PIRES, C. C. *Literatura, história e memória em Um conto de duas Cidades de Charles Dickens*. Disponível em: <<http://www.ufjf.br/darandina/files/2010/12/Literatura-hist%C3%B3ria-e-mem%C3%B3ria-em-Um-conto-de-duas-Cidades-de-Charles-Dickens.pdf>>. Acesso em: 25 abr. 2014.

WEINHARDT, M. *Considerações sobre o romance histórico*. Disponível em: <www.letras.ufpr.br/revista_letras/numeros/43.html>. Acesso em: 1 mai. 2014.

